**Vozes d'África, de Castro Alves**

**Fonte: http://www.passeiweb.com/estudos/livros/vozes\_d\_africa**

Castro Alves foi um jovem entusiasmado pelas grandes causas da liberdade e da justiça. A campanha contra a escravatura lhe inspirou *Vozes d'África* (1868) e [*O Navio Negreiro*](http://www.passeiweb.com/na_ponta_lingua/livros/resumos_comentarios/o/o_navio_negreiro) (1869).

Ele, como ninguém, impingiu os acentos da poesia ao exprimir a dor de todo um continente em *Vozes d'África*, poema de estilo épico, que pertence ao livro *Escravos*. O autor, divergindo do indianismo, passou à História como o poeta dos escravos, ao criar poemas abolicionistas como este.

*Vozes d'África*, o último dos mais importantes poemas que o poeta escreveu em São Paulo, para os escravos, é uma alegoria do pungente destino da raça africana, vista não já através de um navio negreiro, mas em seu próprio e vastíssimo habitat. É uma doce prosopopéia em que a África narra suas desgraças e impetra a misericórdia divina, portanto, o eu-lírico, neste poema, é a África, que se queixa a Deus pela desventura de ver seus filhos arrebatados do solo pátrio para serem escravizados, e lançados ao desamparo. É soberba apóstrofe do continente escravizado, a implorar justiça de Deus. O que indignava o poeta era ver que o Novo Mundo, "talhado para as grandezas, pra crescer, criar, subir", a América, que conquistara a liberdade com formidável heroísmo, se manchava no mesmo crime da Europa.

**VOZES D'ÁFRICA**

Deus! ó Deus! onde estás que não respondes?   
Em que mundo, em qu'estrela tu t'escondes   
Embuçado nos céus?   
Há dois mil anos te mandei meu grito,   
Que embalde desde então corre o infinito...   
Onde estás, Senhor Deus?...

Qual Prometeu tu me amarraste um dia   
Do deserto na rubra penedia   
— Infinito: galé!...   
Por abutre — me deste o sol candente,   
E a terra de Suez — foi a corrente   
Que me ligaste ao pé...

O cavalo estafado do Beduíno   
Sob a vergasta tomba ressupino   
E morre no areal.   
Minha garupa sangra, a dor poreja,   
Quando o chicote do simoun dardeja   
O teu braço eternal.

Minhas irmãs são belas, são ditosas...   
Dorme a Ásia nas sombras voluptuosas   
Dos haréns do Sultão.   
Ou no dorso dos brancos elefantes   
Embala-se coberta de brilhantes   
Nas plagas do Hindustão.

Por tenda tem os cimos do Himalaia...   
Ganges amoroso beija a praia   
Coberta de corais ...   
A brisa de Misora o céu inflama;   
E ela dorme nos templos do Deus Brama,   
— Pagodes colossais...

A Europa é sempre Europa, a gloriosa!...   
A mulher deslumbrante e caprichosa,   
Rainha e cortesã.   
Artista — corta o mármor de Carrara;   
Poetisa — tange os hinos de Ferrara,   
No glorioso afã!...

Sempre a láurea lhe cabe no litígio...   
Ora uma c'roa, ora o barrete frígio   
Enflora-lhe a cerviz.   
Universo após ela — doudo amante   
Segue cativo o passo delirante   
Da grande meretriz.   
....................................

Mas eu, Senhor!... Eu triste abandonada   
Em meio das areias esgarrada,   
Perdida marcho em vão!   
Se choro... bebe o pranto a areia ardente;   
talvez... p'ra que meu pranto, ó Deus clemente!   
Não descubras no chão...

E nem tenho uma sombra de floresta...   
Para cobrir-me nem um templo resta   
No solo abrasador...   
Quando subo às Pirâmides do Egito   
Embalde aos quatro céus chorando grito:   
"Abriga-me, Senhor!..."

Como o profeta em cinza a fronte envolve,   
Velo a cabeça no areal que volve   
O siroco feroz...   
Quando eu passo no Saara amortalhada...   
Ai! dizem: "Lá vai África embuçada   
No seu branco albornoz... "

Nem vêem que o deserto é meu sudário,   
Que o silêncio campeia solitário   
Por sobre o peito meu.   
Lá no solo onde o cardo apenas medra   
Boceja a Esfinge colossal de pedra   
Fitando o morno céu.

De Tebas nas colunas derrocadas   
As cegonhas espiam debruçadas   
O horizonte sem fim ...   
Onde branqueia a caravana errante,   
E o camelo monótono, arquejante   
Que desce de Efraim   
.......................................

Não basta inda de dor, ó Deus terrível?!   
É, pois, teu peito eterno, inexaurível   
De vingança e rancor?...   
E que é que fiz, Senhor? que torvo crime   
Eu cometi jamais que assim me oprime   
Teu gládio vingador?!   
........................................

Foi depois do dilúvio... um viadante,   
Negro, sombrio, pálido, arquejante,   
Descia do Arará...   
E eu disse ao peregrino fulminado:   
"Cam! ... serás meu esposo bem-amado...   
— Serei tua Eloá. . . "

Desde este dia o vento da desgraça   
Por meus cabelos ululando passa   
O anátema cruel.   
As tribos erram do areal nas vagas,   
E o nômade faminto corta as plagas   
No rápido corcel.

Vi a ciência desertar do Egito...   
Vi meu povo seguir — Judeu maldito —   
Trilho de perdição.   
Depois vi minha prole desgraçada   
Pelas garras d'Europa — arrebatada —   
Amestrado falcão! ...

Cristo! embalde morreste sobre um monte   
Teu sangue não lavou de minha fronte   
A mancha original.   
Ainda hoje são, por fado adverso,   
Meus filhos — alimária do universo,   
Eu — pasto universal...

Hoje em meu sangue a América se nutre   
Condor que transformara-se em abutre,   
Ave da escravidão,   
Ela juntou-se às mais... irmã traidora   
Qual de José os vis irmãos outrora   
Venderam seu irmão.

Basta, Senhor! De teu potente braço   
Role através dos astros e do espaço   
Perdão p'ra os crimes meus!   
Há dois mil anos eu soluço um grito...   
escuta o brado meu lá no infinito,   
Meu Deus! Senhor, meu Deus!!...

São Paulo, 11 de junho de 1868

**Castro Alves: O Navio Negreiro**

**I**

'Stamos em pleno mar... Doudo no espaço    
Brinca o luar — dourada borboleta;    
E as vagas após ele correm... cansam    
Como turba de infantes inquieta.

'Stamos em pleno mar... Do firmamento    
Os astros saltam como espumas de ouro...    
O mar em troca acende as ardentias,    
— Constelações do líquido tesouro...

**……..**

**III**

Desce do espaço imenso, ó águia do oceano!    
Desce mais ... inda mais... não pode olhar humano    
Como o teu mergulhar no brigue voador!    
Mas que vejo eu aí... Que quadro d'amarguras!    
É canto funeral! ... Que tétricas figuras! ...    
Que cena infame e vil... Meu Deus! Meu Deus! Que horror!

**IV**

Era um sonho dantesco... o tombadilho     
Que das luzernas avermelha o brilho.    
Em sangue a se banhar.    
Tinir de ferros... estalar de açoite...     
Legiões de homens negros como a noite,    
Horrendos a dançar...

Negras mulheres, suspendendo às tetas     
Magras crianças, cujas bocas pretas     
Rega o sangue das mães:     
Outras moças, mas nuas e espantadas,     
No turbilhão de espectros arrastadas,    
Em ânsia e mágoa vãs!

E ri-se a orquestra irônica, estridente...    
E da ronda fantástica a serpente     
Faz doudas espirais ...    
Se o velho arqueja, se no chão resvala,     
Ouvem-se gritos... o chicote estala.    
E voam mais e mais...

Presa nos elos de uma só cadeia,     
A multidão faminta cambaleia,    
E chora e dança ali!    
Um de raiva delira, outro enlouquece,     
Outro, que martírios embrutece,    
Cantando, geme e ri!

No entanto o capitão manda a manobra,    
E após fitando o céu que se desdobra,    
Tão puro sobre o mar,    
Diz do fumo entre os densos nevoeiros:    
"Vibrai rijo o chicote, marinheiros!    
Fazei-os mais dançar!..."

E ri-se a orquestra irônica, estridente. . .    
E da ronda fantástica a serpente    
          Faz doudas espirais...    
Qual um sonho dantesco as sombras voam!...    
Gritos, ais, maldições, preces ressoam!    
          E ri-se Satanás!...